

divine, s'écria: «Mon Dieu! je ne désire rien de ce que contient le paradis que le vin de Malaga et les raisins secs de Séville¹».

De resto Bensafrim foi povoação arabe, como indicam o proprio nome, os restos de ceramica arabe que por alli se encontram e os silos que ainda se vêem nas ruas, e a que o povo chama *celeiros dos mouros*.

Estes silos tem sido attribuidos por alguns a povos prehistoricos; mas a verdade é que elles constituem um velho uso do povo arabe, ainda hoje observado. Eis o que sobre o assumpto nos diz, por exemplo, o general Du Barail: «C'est (o silo) une sorte de cave dont les Arabes se servent pour enfermer leurs provisions. On creuse le silo autant que possible dans un terrain sec et assez compact pour ne pas se prêter aux infiltrations. Il est très étroit à son orifice, très évasé dans sa partie médiane et assez resserré au fond. Je ne puis mieux le comparer qu'à une gourde, ou plus exactement encore à ces bouteilles instables que les anglais remplissent de soda water²».

Dir-se-ia que elle descreve, não silos do norte de Africa, mas os do nosso Algarve.

A. DOS SANTOS ROCHA.

«Castello Velho» e «Castellino» do Alandroal

A uns dois kilometros, para o Sul, de S. Miguel da Mota, entre este monte e o logarejo das Hortinhas, sobre o Luçafece, sobranceiro ao moinho do Sutil, fica o oiteiro do *Castello Velho*, que é um *castro*, como outros de Portugal. Actualmente está, em parte, coberto de oliveiras; em parte é terra de sementeira. Em toda a sua extensão, que não é muita, está rodeado de parede baixa, rasa com a superficie do terreno; as pedras, que são de natureza schistosa, assentam horizontalmente umas sobre as outras; em certos pontos ha já barrancos, produzidos por excavações. O oiteiro do *Castello Velho* tem bastante altura, e está em posição muito estrategica: pelo N e NO defendido pelo rio; pelo Nascente, por uma pequena ribeira, que porém sécca de verão; pela outra ponta, por um valle fundo. A NO ha tambem uma longa e abrupta fila de rochedos que chegam até o rio. Disseram-me

¹ *Op. cit.*, pag. 486.

² *Mes souvenirs*, na *Revue Hebdomadaire*, n.º 181 de 1894.

que em baixo, junto á ribeira do Luçafece, havia a *Casa da Moira*; desci lá de gatinhas, porque de outro modo arriscava-me a cair, — tão ingreme é a descida sobre a agua —, mas a *Casa da Moira* consiste unicamente numa pequena gruta natural, aberta na rocha. Tres *escameis* (moços) do gado, que me acompanhavam, foram porém a correr até o fundo da ladeira, como cabras, sem cahir.

Em volta do *Castello Velho* ha varios outeiros, separados uns dos outros por valles mais ou menos fundos.

A pouca distancia, talvez um ou dois kilometros, para o NO, fica o *Castellinho*, aonde não pude ir, mas que, a julgar das informações que me deram, creio ser outro *castro*, ou outeiro fortificado.

No *Castello Velho*, além do nome e da trincheira, não encontrei nada que me revelasse antiguidade. Para encontrar alguma cousa, era preciso fazer excavações. Apenas á superficie apparece um ou outro fragmento de vasos de barro; mas nem sempre serão antigos. Telha de rebordo não achei.

Do *Castello Velho* vae-se para S. Miguel da Mota por uma pequena *vereda*, atravessando-se a ribeira do Luçafece nas *passadeiras* que tem junto ao moinho do Sutil. Gastam-se uns tres quartos de hora.

Eram provavelmente as populações do *Castello Velho* e do *Castellinho* as que ficavam mais proximas do sanctuario de Endovellico, que, como já disse n-*O Archeologo*, pag. 46, estava no *monte* de S. Miguel da Mota; esse santuario pertenceria a uma das referidas povoações, ou a ambas. Pelo menos ninguem me soube informar á cêrca de outras estações archeologicas ahi perto, apesar das minhas pesquisas. O nome de *Castello Velho* é frequente no districto: na serra de Ossa ha tambem um, que corresponde a um *castro*; tenho noticia de outro, na freguesia de Capellins, concelho do Alandroal, sobre o Guadiana.

J. L. DE V.

De como Gaspar Estaço empregava o tempo

«Como a erudição seja ornamento nas cousas prosperas, e nas adversas refúgio, e esta se aquira por meio de livros antigos . . . determinei dar-me á lição dos taes livros, por empregar bem algũas horas boas.»

G. ESTAÇO, *Várias antig. de Port.*, 1625, prologo, § 1.